

# IDENTIDADES AFRODESCENDENTES E DE GÊNERO EM *AMERICANAH* DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: diálogos e reflexões a partir da criação do *blog* de Ifemelu

Milaynne Christina Barros do Nascimento  
(Universidade Estadual do Piauí)  
<https://orcid.org/0000-0002-0398-4397>

Elio Ferreira de Souza  
(Universidade Estadual do Piauí)  
<https://orcid.org/0000-0002-7280-4273>

## RESUMO

Atualmente, o avanço das discussões a respeito dos feminismos vem conquistando mais destaque no Brasil e impulsionando uma série de debates sobre a condição da mulher na sociedade. Nesse panorama, destaca-se também a representação da mulher negra na literatura afrodescendente. O alcance sustentado pela *internet* e redes sociais e a organização de diversos grupos mostram que através da indicação de leituras, livros, textos e autoras criam-se canais de expressão e fortalecimento para as discussões sobre a literatura feita por mulheres. Nesse contexto, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie conquistou lugar de referência ao escrever (e falar) sobre feminismo, identidade, etnia e questões de gênero, temáticas que estão presentes no seu romance *Americanah* (2014). A protagonista (Ifemelu), ao questionar seu lugar na sociedade, cria um *blog* para poder contar histórias, escrever e refletir sobre sua experiência enquanto mulher negra, nascida na Nigéria e residente nos Estados Unidos. Considerando a leitura e a escrita como articuladores para pensar o lugar das mulheres negras em diáspora, o presente trabalho propõe-se a uma abordagem de leitura sob a perspectiva da afrodescendência e de gênero, tendo como *corpus* da análise o livro *Americanah*. Investigaremos as diferentes tessituras da representação de identidades afrodescendentes e de gênero, tendo como eixo norteador o

processo de criação do *blog* de Ifemelu. Para tanto, utilizaremos as referências relacionadas aos conceitos de identidade, em Du Bois (1999), Hall (2014) e Munanga (1988) e de gênero e feminismo, em Adichie (2015; 2017) e Ribeiro (2017).

PALAVRAS-CHAVE: *Americanah*. Identidades Afrodescendentes. Gênero. *Blog*.

## AFRODESCENDANT AND GENDER IDENTITIES IN *AMERICANAH*, BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: dialogues and reflections from the creation of Ifemelu's blog

### ABSTRACT

Currently, the advancement of discussions on feminisms has been conquering more prominence in Brazil, propelling a series of debates on the condition of women in society. In this panorama, the representation of the black women in Afro-descendant literature stands out. The reach promoted by the Internet and its social networks and the organization of several groups show that it creates channels of expression and strengthening for the discussions on the literature made by women through the indication of readings, books, texts, and authors. In this context, the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie has conquered a place of influence by writing – and speaking – about feminism, identity, ethnicity and gender issues, themes which are present in her novel *Americanah* (2014). In questioning her place in society, the protagonist, Ifemelu, creates a blog in order to tell stories, write and reflect on her experience as a black woman born in Nigeria and living in the United States. Considering reading and writing as articulators of thinking about the place of black women in diaspora, the present work proposes a reading approach from the perspective of African heredity and of gender, having as its *corpus* of analysis the book *Americanah*. It also aims to investigate the different tessituras in the representation of Afrodescendant and gender identities, having as its guiding axis the creation process of Ifemelu's blog. Therefo-

re, it will be used references related to the concepts of identity, in Du Bois (1999), Hall (2014) and Munanga (1998), and of gender and feminism in Adichie (2015 and 2017) and Ribeiro (2017).

KEYWORDS: *Americanah*; Afrodescendant identities; genre; blog.

## 1. Começando os diálogos e reflexões

Atualmente, o avanço das discussões a respeito do Feminismo conquista mais destaque no Brasil. A série de debates sobre a condição da mulher na sociedade impulsiona análises, discursos e posicionamentos sobre as mais diversas temáticas: sexualidade, aborto, trabalho e carreira profissional, participação política, violência, para citar algumas. Obviamente, ainda há muito para avançar e conquistar, mas as diversas discussões e possibilidades de articulação entre mulheres revelam um panorama interessante para refletir sobre feminismos no país.

Uma dimensão interessante desse panorama é a relação das mulheres com a leitura e escrita. O alcance sustentado pela *internet* e redes sociais e a organização de diversos grupos mostram que, através da indicação de leituras, livros, textos, autoras, criam-se canais de expressão e fortalecimento para as mulheres. Como afirma Queiroz (2016, p. 29), “o que temos assistido é uma verdadeira Primavera das mulheres alimentadas pelas redes sociais e pela popularização da internet”.

Iniciativas como os projetos *Leia Mulheres*, *Leia Mulheres Negras* e *Mulheres que escrevem*, por exemplo, representam o posicionamento criativo de mulheres a partir da discussão sobre suas relações com a leitura e escrita e, ao mesmo tempo, indicam caminhos para o movimento feminista. Dessa forma, “alguns teóricos chamam essa nova leva de feministas conectadas de ‘quarta onda’” (QUEIROZ, 2016, p. 29).

Através de textos, imagens, postagens em perfis ou páginas de redes sociais, mulheres compartilham experiências de leitura e de vida, resenham livros, criam fóruns de debate, projetos coletivos de leitura, além de problematizar o lugar da mulher na política, na educação, no cinema, na televisão e na literatura. Assim, ocupam um lugar de protagonismo e cooperação não só conectadas aos computadores ou celulares, mas também levando esses debates para outros espaços. Dessa forma, dialogam e ampliam tanto as discussões dos (e sobre) feminismos quanto sobre a literatura de autoria feminina, encorajando novos encontros e possibilidades.

É nesse contexto de mulheres conectadas que Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nascida na Nigéria, conquistou destaque e sucesso, sendo considerada uma das principais representantes da nova geração de escritores nigerianos. O seu país de origem, a questão da identidade, o racismo e o feminismo são algumas das temáticas presentes na obra da escritora, que já foi traduzida para mais de trinta idiomas. Chimamanda Adichie se tornou bastante conhecida no mundo através da *internet*, depois das palestras que ministrou pelo projeto *TEDxEuston (Technology, Entertainment and Design): O perigo de uma única história e Sejamos todos feministas*.

Chimamanda Adichie é uma autora bastante presente na *internet*, através de redes sociais, por meio das quais é possível acompanhar um pouco da rotina de trabalho da escritora. No perfil do *Instagram*, administrado pelas suas sobrinhas, são postadas principalmente fotos de Chimamanda usando roupas assinadas por estilistas nigerianos pelo projeto *Wear Nigerian*. Já no *Facebook* são postadas atualizações referentes a entrevistas, premiações e participações de Chimamanda em eventos, por exemplo.

Em uma pesquisa rápida na plataforma de vídeos *Youtube*, inúmeros vídeos com Chimamanda ou em referência a ela aparecem. Entre os resultados estão as palestras já citadas anteriormente, a música e o clipe da cantora Beyoncé (*Flawless*, do CD *Beyoncé*), em que esta usa trechos da palestra *We all should be feminists* e de uma entrevista dada para o canal CNN em que Chimamanda fala sobre o movimento *#MeToo* e um episódio de assédio que sofreu na adolescência.

Além dessas plataformas, Adichie possui um *site* oficial. Há também uma página administrada pela professora Daria Tunca, da Universidade de Liège, onde estão compiladas informações principalmente sobre o trabalho de Chimamanda Adichie, além de textos da autora e estudos sobre sua obra. Nos dois *sites* citados, existe um tópico que direciona o visitante para o "*Ifemelu's blog*".

Ifemelu é a protagonista do terceiro romance de Chimamanda Adichie, *Americanah*, publicado em 2014 no Brasil pela editora Companhia das Letras. O livro conta a história de Ifemelu e sua mudança para os Estados Unidos a fim de tentar estudar, já que a Nigéria passava por uma grave crise política e as universidades estavam em greve. O desenvolvimento da história começa em Lagos, na Nigéria, e depois vai para os Estados Unidos e Inglaterra (onde o namorado de adolescência

de Ifemelu – “seu *highschool sweetheart*” –, Obinze, mora depois que também vai embora da Nigéria).

No decorrer das 513 páginas do livro, que está dividido em sete partes, o leitor conhece a família, os namorados, os amigos de Ifemelu e acompanha o processo de descobertas e amadurecimento dela nos Estados Unidos e a criação do seu *blog*: “*Raceteenth* ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a questão da Negritude nos Estados Unidos”.

O presente artigo visa promover uma discussão sobre a parte da narrativa em que Ifemelu inicia o projeto do seu *blog*. Pretendemos investigar as tessituras da representação de identidades afrodescendentes e de gênero, tendo como eixo norteador o processo de criação do *blog* de Ifemelu.

## 2. As observações curiosas de uma protagonista negra não americana ou como nasce a ideia do *blog* de Ifemelu

O capítulo 31, primeiro da quarta parte do livro *Americanah*, reúne e explica acontecimentos-chave para o desenvolvimento da trama. Começaremos apresentando essa parte para contextualizar o surgimento da ideia do *blog* de Ifemelu e destacando como a autora desenvolve o percurso narrativo que culmina nessa criação. Esse capítulo começa com um diálogo entre Ifemelu e a amiga Ginika falando sobre o término do relacionamento com Curt. Aqui, como nas outras partes do livro, a temporalidade não se estrutura de maneira linear. O tempo em *Americanah* é constantemente entrelaçado pelo tempo psicológico de Ifemelu e Obinze.

O diálogo inicial entre Ifemelu e Ginika serve como disparador para que o narrador (o livro é narrado em terceira pessoa) elucide como foi o término do namoro de Curt e Ifemelu. A conversa entre o casal no momento de descoberta do episódio que deflagrou o fim da relação, as tentativas de contato por parte de Ifemelu e os sentimentos de culpa, alívio e solidão que povoaram os dias da personagem no período de crise e término são descritos no começo desse capítulo.

Logo em seguida, somos transportados para anos depois. O cenário é um jantar em Manhattan depois que Barack Obama se tornou candidato oficial pelo Partido Democrata. O clima é festivo e otimista e, em uma conversa amistosa durante a festa, uma personagem (uma poeta haitiana

estilosa) afirma que “tinha namorado um homem branco durante três anos na Califórnia e que raça nunca fora um problema para eles” (ADICHIE, 2014, p. 314), ao que prontamente Ifemelu responde que isso é mentira.

Esse relato constrói um dos momentos mais reveladores do processo de amadurecimento e de reconhecimento de si por Ifemelu. Seu argumento evidencia o problema racial e a relação entre pessoas negras e brancas nos Estados Unidos. Essa situação de tensão nos apresenta uma Ifemelu disposta a se afirmar. Não se trata de simplesmente discordar da outra pessoa: esse é um momento de construção e fortalecimento de identidade.

A emergência e a afirmação do processo identitário de Ifemelu nesse momento do texto, em um cenário de comemoração e esperança em torno da possibilidade de Barack Obama se tornar presidente, cria um impacto necessário para que a narrativa desenvolva a cronologia que nos apresentará o instante em que nasce a ideia de Ifemelu criar um *blog*.

Insistimos na análise dessa passagem porque o posicionamento e os argumentos de Ifemelu representam de maneira complexa a subversão e o incômodo que a afirmação de identidade da pessoa negra ainda provoca, mais ainda quando a pessoa negra aponta que a sua experiência de convívio não se trata de algo simples e pacífico em uma sociedade onde o domínio simbólico, econômico, político das pessoas brancas é tão evidente.

Diante dos participantes dessa comemoração, como um anjo torto de trombeta em punho, Ifemelu anuncia uma perspectiva diferente e assim “desafina o coro dos contentes”. Ifemelu responde da seguinte maneira à afirmação da personagem:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais. E não queremos que diga: ‘Olhe como evoluímos, há apenas quarenta anos seria ilegal sermos um casal’, porque sabe o

que a gente está pensando quando ele diz isso? Por que foi ilegal um dia, porra? Mas não dizemos nada disso. Deixamos que se acumule dentro da nossa cabeça, e quando vamos a jantares de gente liberal e legal como este, dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade. Estou falando porque já vivi isso (ADICHIE, 2014, p. 315, grifos nossos).

Stuart Hall (2014) apresenta identidade não como um conceito essencialista, mas sim estratégico e posicional. Para o antropólogo jamaicano, trata-se de afirmar uma concepção de identidade que não esteja restrita a uma ideia de núcleo estável, idêntico a si mesmo ao longo da vida, mas que se entenda que as identidades estão em constantes processos de mudança e transformação. Hall (2014) ressalta ainda que é importante considerar nas discussões sobre identidade os processos de globalização e migração (livre ou forçada) que caracterizam o mundo pós-colonial.

Quando Ifemelu declara “Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos”, exemplifica a discussão que Hall (2014) apresenta: as identidades em processos de transformação em um mundo de globalização e mudanças. Na Nigéria, a cor de pele não se tratava de uma questão problemática, ou seja, uma questão que colocasse Ifemelu em conflito com a sociedade na qual cresceu, mas, ao chegar aos EUA, a cor de sua pele passou a marcar uma posição de sujeito que lhe foi imposta e, no decorrer da narrativa de *Americanah*, a protagonista vai tentar subverter os estereótipos raciais ao afirmar o pertencimento identitário como negra.

Nesse sentido, há mais um confronto que o posicionamento de Ifemelu impõe a todos. Como, nos EUA, terra do modelo de democracia prestes a eleger seu primeiro presidente negro, alguém poderia dizer que a questão da “raça” seria um problema? Como uma imigrante acolhida pela terra das oportunidades, desfrutando do privilégio de estar em uma reunião em Manhattan, poderia argumentar que a questão da cor da pele é um problema mesmo em um relacionamento amoroso?

O processo de identificação afrodescendente de Ifemelu deflagra e problematiza a ideia de que “as identidades têm a ver nem tanto com as questões ‘quem somos nós’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos

representar a nós mesmos” (HALL, 2014, p. 109). Portanto, descobrir o que significa ser lida como uma pessoa negra nos EUA marca sobremaneira a experiência de Ifemelu como mulher, nigeriana, imigrante.

Ifemelu manifesta sentimentos sobre os quais W.E.B. Du Bois já falava no começo do século XX. Du Bois (1999) narra que, em um episódio de sua infância, uma garota recusou uma lembrança que ele ofertava a ela. Desde então, começou a perceber que havia uma diferença nele que o mantinha isolado do mundo das outras pessoas por um imenso véu. O escritor, analisando o lugar da pessoa negra no processo histórico dos Estados Unidos, declara que:

[...] o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e aquinhado com uma visão de segundo grau neste mundo americano -, um mundo que não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que lhe permite apenas ver-se por meio da revelação do outro mundo. É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade (DU BOIS, 1999, p. 54).

A consciência dupla que Du Bois (1999) nos fala está presente no trecho da fala de Ifemelu: “Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais”. A forma de sentir e de interpretar sempre passará pelo crivo de outra pessoa que geralmente é o padrão de comportamento. No caso de Ifemelu, quem personifica esse lugar de padrão é o namorado branco a que se refere (importante lembrar que Curt era branco, norte-americano, heterossexual e muito rico).

Ifemelu, assim como Du Bois, chama atenção para o fato de a pessoa negra viver mediando sua relação com o mundo a partir do julgamento de outro. Existir simplesmente se transforma em uma missão cansativa e complicada que demanda esforço e alerta contínuos. O receio de ser interpretada como uma pessoa que exagera ou se ofende facilmente é uma preocupação de Ifemelu, enquanto mulher negra namorando um rapaz branco porque há um problema sim com a questão da etnia, no modo como a pessoa negra é representada na sociedade, que é resquício do sequestro dos negros da África, da escravidão e da série de discriminações às quais os escravizados e seus descendentes foram/são submetidos.



Como afirma Munanga (1988), a realidade colonial (e o capitalismo como conhecemos hoje também) forçou uma concepção de negro como um ser de mentalidade pré-lógica, selvagem, representante de uma humanidade inferior. No máximo, se reconhece na pessoa negra um dom artístico. Segundo Munanga (1988, p. 9), “tal clima de alienação atingirá profundamente o negro, em particular o instruído, que tem assim ocasião de perceber a ideia que o mundo ocidental fazia dele e de seu povo”.

Chimamanda Adichie também chama atenção para a questão da identidade no livro *Para Educar Crianças Feministas*, lançado em 2017. O livro é uma carta de Chimamanda para uma amiga que é mãe de uma menina e pediu dicas de como educar uma criança de maneira feminista. Dentre as quinze lições que a autora apresenta, uma delas, que trata da identidade, pode ser relacionada com o que estamos discutindo aqui neste artigo. Nas palavras da escritora:

Esteja atenta também em lhe mostrar a constante beleza e capacidade de resistência dos africanos e dos negros. Por quê? A dinâmica do poder no mundo fará com que ela cresça vendo imagens da beleza branca, da capacidade branca, das realizações brancas, em qualquer lugar onde estiver. Isso estará nos programas de TV a que assistir, na cultura popular que consumir, nos livros que ler. Provavelmente também crescerá vendo muitas imagens negativas da negritude e dos africanos. Ensine-lhe a sentir orgulho da história dos africanos e da diáspora negra. Encontre heróis e heroínas negros na história. Existem (ADICHIE, 2017, p. 52).

Depois do episódio da comemoração em Manhattan, novamente somos transportados para outro momento da cronologia de *Americanah*. O relacionamento de Curt e Ifemelu serve como plano de fundo para que a narrativa explore outra perspectiva da questão da etnia e de gênero, construindo, assim, mais uma parte do processo que levará ao *blog*. Nesse recorte, destacaremos a questão de gênero a partir de um relato sobre padrões de beleza que surge em uma conversa entre Curt e Ifemelu.

Para Ifemelu, ela e Curt discutiam sobre as questões étnico-raciais, “mas falavam sobre isso daquela forma escorregadia que não admitia nada e que não aprofundava nada que terminava com a palavra ‘maluquice’, como um objeto curioso que deveria ser examinado e depois deixado de lado” (ADICHIE, 2014, p. 316). Apesar de Curt compreender que ser branco ou negro define duas posições muito distintas na sociedade norte-americana, Ifemelu não conseguia entender como ele podia perceber e se

importar com algumas coisas e não enxergar outras. Ifemelu identificava esse incômodo, convivia com ele, mas, muitas vezes, optava pelo silêncio.

Então somos apresentados a algumas situações que exemplificam o questionamento de Ifemelu, como o episódio em que o garçom a ignora, o tratamento excessivamente piedoso de uma tia de Curt com ela e o comentário da mãe de Curt sobre a cor como se não representasse quaisquer problemas nas relações étnico-raciais dos EUA. Curt se opôs à mãe, nas outras ocasiões, atenuou e achou que não ocorreu nada demais.

Além desses episódios, optamos por ressaltar outras três situações em que o padrão de beleza ocupa lugar de destaque e dispara uma reflexão importante sobre questões de gênero. A narrativa nos conduz para o dia em que Ifemelu foi fazer as sobrancelhas em um salão de beleza localizado em um bairro onde Curt cresceu e a funcionária não a atendeu porque lá “não trabalhavam com cabelo crespo”. Curt fez um escândalo e Ifemelu foi atendida.

Logo em seguida, Curt e Ifemelu estão em um casamento e Curt faz questão de apresentar Ifemelu às jovens que o cumprimentam: “Quando Curt dizia: ‘essa é minha namorada, Ifemelu’, elas a olhavam com surpresa que algumas disfarçavam e outras não, e em sua expressão surgia a pergunta: ‘Por que ela?’” (ADICHIE, 2014, p. 317). Ainda no casamento, Ifemelu reconhecia o “olhar de uma imensa perda da tribo [...] E não ajudava o fato de que, embora Ifemelu fosse uma negra bonita, não era o tipo de mulher negra que elas, com algum esforço, conseguiriam imaginar com ele: não tinha a pele clara, não era mulata” (ADICHIE, 2014, p. 317).

Por fim, o episódio que marca o desenvolvimento desse tópico e encaminha para o desfecho final do capítulo acontece quando Curt fala sobre a revista *Essence* (revista norte americana que tem como público principal mulheres negras) de Ifemelu dizendo que a publicação é “racialmente tendenciosa”. Ifemelu então o convida a fazer uma pequena incursão na livraria do bairro para que ela mostrasse a ele as revistas recheadas de moda, dicas de beleza, maquiagem e tipo de cabelo para mulheres brancas.

A explicação que se segue é didática, precisa, contextualizada e ainda muito presente em 2018, pois, apesar dos avanços, ainda existe uma lacuna enorme no que se refere a produtos cosméticos, tratamentos estéticos e informações compatíveis com a realidade das mulheres negras. Depois dessa explanação em que Ifemelu escolhe falar sobre a sua experiência e tenta mostrar para o seu namorado o mundo por sua lente, a partir do seu campo de preocupação, Curt responde: “Tudo bem, amor. Tudo

bem. Eu não sabia que ia virar essa história toda” (ADICHIE, 2014, p. 320). É importante salientar que essa discussão está presente no livro de Adichie, *Para educar crianças feministas*, já citado anteriormente. Chimamanda Adichie explica:

Chizalum desde cedo notará – pois as crianças são muito perspicazes- qual o tipo de beleza que se valoriza. Verá nos filmes, revistas, na televisão. Verá que se valoriza a pele branca. Perceberá que o tipo de cabelo que se valoriza é o liso ou ondulado, e é um cabelo que cai, em vez de ficar armado. Ela vai deparar com tudo isso, quer você queira ou não. Então, garanta que ela veja alternativas. Faça-a perceber que mulheres brancas e magras são bonitas e que mulheres não brancas e não magras são bonitas. Faça-a perceber que, para muitas pessoas e muitas culturas, a definição limitada de beleza não é bonita (ADICHIE, 2017, p. 59).

Angela Davis (2017, p. 29) chama a atenção para o fato de que “as mulheres negras ainda são compelidas a expor a invisibilidade à qual nós temos sido relegadas”, e é isso que Ifemelu tenta fazer nesse trecho. A protagonista expõe a sua perspectiva enquanto mulher e pessoa negra sobre o assunto e o namorado minimiza a importância do seu posicionamento afirmando simplesmente que “não sabia que ia virar essa história toda”. “Essa história toda” existe há muito tempo. As duas citações de *Para Educar crianças feministas* que apresentamos neste artigo mostram isso. Como um homem instruído, que reconhece as diferenças de tratamento para pessoas brancas e negras nos EUA, responde de maneira tão superficial ao relato da namorada sobre a falta de representatividade de mulheres negras em publicações de beleza?

Há aqui o cruzamento de dimensões importantes da experiência de ser mulher: gênero e etnia. E mais do que focar no fato de que uma questão importante para Ifemelu tenha sido ignorada por seu namorado, esse diálogo no livro nos abre a possibilidade de abordar o problema de gênero e etnia analisando o comportamento quase automático desse homem. Como a própria Chimamanda afirma em seu livro *Sejamos todos feministas*: “A verdade é que quando se trata de aparência nosso paradigma é masculino” (ADICHIE, 2015, p. 50).

A fala de Curt pode ser relevada: “Mas por que tornar isso algo grande? Ele não fez por mal, são só revistas”. Nesse ponto, reside uma subversão potente que *Americanah* nos mostra para se pensar justamente a questão de gênero: esse episódio nos ajuda a visualizar o quanto o poder

de dar a importância ou não para alguma temática ainda se concentra no homem branco de classe abastada (ver a citação anterior que Adichie faz em *Sejamos Todos feministas*).

No padrão de hierarquia de gênero no qual se sustenta nossa sociedade, é mais fácil julgar como ‘frívolo, bobagem, coisa pouca’ um tópico que reflete uma desigualdade a que está submetida certo grupo de mulheres, ainda mais quando se trata de “beleza”, “aparência”, do que tentar compreender ou concordar com seu ponto de vista ou reconhecer aí um tipo saber até então ignorado. Djamilia Ribeiro nos ajuda a refletir sobre isso:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizadas faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente (RIBEIRO, 2017, p. 63).

Dessa maneira, o comportamento de Curt se revela como uma apresentação das tentativas de invisibilidade que muitas mulheres, aqui destacando as mulheres negras, são obrigadas a lidar no cotidiano. Resaltamos com esse posicionamento o que Ribeiro (2017) aponta ao falar sobre Lélia Gonzalez, pois essa pensadora e feminista negra “critica a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico” (RIBEIRO, 2017, p. 24).

Focalizamos o comportamento de Curt, um homem branco privilegiado, para ressaltar que a própria perspectiva de gênero, que tentamos elucidar aqui, é também comum a Chimamanda. Seu projeto literário demanda implicação e responsabilização sobre a discussão das masculinidades que sustentamos em nossa sociedade, assim como diz respeito ao questionamento de hierarquias que relegam mulheres ao silenciamento ou descrédito.

Destacamos o episódio da *Essence* porque ele traz (e assim é situado) um desfecho dramático crucial para a narrativa de *Americanah* nesse capítulo. Como citado anteriormente, o entendimento do personagem Curt sobre as opressões que atravessavam a vida de Ifemelu variavam, e ela mesma se questiona sobre como isso é possível. E aqui, ao questionar essa anestesia de Curt, junto com os pensamentos que parecem ao longo do capítulo sobre estar “cansada até da proteção de Curt, cansada de precisar dela” (ADICHIE, 2014, p. 317), Ifemelu começa um novo processo de amadurecimento do seu protagonismo como mulher negra e, conside-

rando o desenvolvimento da trama, aqui começa também outro processo de amadurecimento do protagonismo de Ifemelu: como personagem de uma ficção.

Na noite da ida à livraria, Ifemelu escreveu um e-mail para sua amiga Wambui falando sobre como algumas questões referentes a gênero e raça a afetavam em seu relacionamento com Curt. Ela desabafou em “um e-mail longo, que inquiria, questionava e revirava. Wambui respondeu dizendo: ‘Tudo isso é tão cru e verdadeiro. Mais pessoas deveriam ler. Você deveria fazer um blog’” (ADICHIE, 2014, p.320).

A ideia do *blog* poderia ter sido escrita de maneira que Ifemelu sozinha tivesse a ideia? Sim, poderia, pois Adichie criou uma personagem autônoma, articulada, inteligente, implicada e sensível o suficiente para ter a ideia sozinha ou até mesmo com Curt, na época em que passou pela transição capilar. No entanto, a ideia surge quando há um diálogo horizontal, em que a dimensão da relação com o outro não é subalternizada, materializando assim o princípio “erguer-nos enquanto subimos” tão bem proposto e trabalhado por Angela Davis (2017).

Sendo assim, ressaltamos aqui um aspecto importante do enredo que nos ajuda a refletir sobre o desenvolvimento de Ifemelu e sobre a dinâmica da narrativa. A cena que inicia o capítulo é uma conversa entre Genika e Ifemelu sobre o término de seu relacionamento com Curt e a cena que encaminha o capítulo para seu desfecho e resolução é a noite da troca de e-mails entre Ifemelu e Wambui. As relações de amizade de Ifemelu com mulheres nesse capítulo desempenham uma função importante no que diz respeito ao ritmo da narrativa e à ampliação de novas possibilidades. As conversas com essas personagens são disparadores para o desenvolvimento da narrativa romanesca e de processos de reflexão sobre si mesma de Ifemelu e nos lembra o que Angela Davis diz:

o conceito de empoderamento não é novo para as mulheres afro-americanas. Por quase um século, temos nos organizado em grupos voltados a desenvolver coletivamente estratégias que iluminem o caminho rumo ao poder econômico e político para nós mesmas e nossa comunidade (DAVIS, 2017. p. 15).

Reconhecemos, portanto, essa valorização das relações de amizade de Ifemelu como uma afirmação de uma perspectiva feminista no romance, ressaltando que pensamos feminismo a partir a proposta do feminismo negro que ressalta que mulheres negras experimentam as opressões de maneira diferentes e, conseqüentemente, suas vivências demandam abor-

dagens mais condizentes com suas condições sociais, econômicas, políticas (RIBEIRO, 2016). Segundo Djamila Ribeiro:

Pensar feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências (RIBEIRO, 2017, p. 14).

Wambui não só escuta Ifemelu como afirma a importância da sua história e das suas leituras sobre o mundo que a cerca, acenando, dessa forma, para a amiga a possibilidade de afirmação e fortalecimento de um lugar importante: o seu lugar de fala, ou seja, um lugar que busca “romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2017, p. 90).

Utilizar o termo lugar de fala não significa restringir as participações nos debates, mas sim refletir sobre quem são as pessoas autorizadas a falar na nossa sociedade, sobre como as pessoas que ocupam posições de privilégio escutam, e questionar a autorização que grupos privilegiados possuem de falar sobre ou pela pessoa subalternizada. Portanto, lugar de fala diz respeito ao fortalecimento de “outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante” (RIBEIRO, 2017, p.90). E, nesse sentido, como bem elucida Conceição Evaristo, “a *escre (vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 204).

A criação do *blog* de Ifemelu e o contexto em que isso acontece implicam novas possibilidades, que não serão só boas ou ruins. Com essa empreitada, a personagem vai construir novos caminhos e novos lugares a partir do encontro entre as histórias que irão povoar seu *blog* e suas “Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos”. O nome do *blog* está marcado, assim como Ifemelu, por dimensões importantes da sua vida que a ajudam a reconhecer a si mesma e o lugar de onde vai partir para se tornar quem ela luta para ser.

### 3. Considerações finais

Os *blogs* eram algo novo, não familiar para Ifemelu. Mas dizer a Wambui o que tinha acontecido não fora satisfatório o suficiente; ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no *WordPress* e criou seu *blog*. Mais tarde ela mudaria o nome, mas no início ele chamava *Raceteenth*, ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos (ADICHIE, 2014, p.320).

A empreitada colonial encabeçada por nações europeias e que manteve, durante muito tempo, o tráfico transatlântico de escravos como principal organizador e motor econômico, foi a principal responsável pela dispersão dos povos africanos pelo mundo. A diáspora africana não diz respeito somente a um período da História da África, é um dos pilares para compreender a condição da pessoa negra no mundo e a formação dos povos e sociedades nas Américas.

Portanto, apontamos como fundamental a abordagem da diáspora africana na análise do romance *Americanah*, principalmente para ressaltar que os processos migratórios dos povos africanos continuam até hoje e que existem outras narrativas que atualizam e ressignificam a noção de diáspora africana.

Como explica Patricia Hill Collins (2000, p. 29), “o termo diáspora descreve as experiências de pessoas que, através da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da migração foram forçadas a deixar suas terras nativas”. Ifemelu, por causa de uma crise política que a Nigéria enfrentava, teve que estudar nos Estados Unidos, sendo assim, obviamente o seu contexto de migração diferente dos africanos sequestrados no período da escravidão. No entanto, ao chegar aos EUA, a personagem teve que lidar com o peso (na maioria das vezes negativo) da questão racial e dos estereótipos relacionados ao seu continente de origem.

Contextualizando, portanto, as localizações históricas e políticas relacionadas à diáspora africana, entendemos que a narrativa de *Americanah* apresenta uma perspectiva de diáspora em que a História do povo negro não ficou paralisada na escravidão, pois existe África para além da história da escravidão, apesar do seu impacto inegável para o continente e seu povo.

Como os negros que vieram sequestrados de várias nações do continente africano para as Américas e ressignificaram sua dor, saudade, suas perdas transformando suas vivências em música, dança, arte, culinária, religião e outras formas de manifestações culturais e políticas, Ifemelu, a partir de suas experiências como uma nigeriana nos EUA, através do poder da palavra, contará sua história que é também a História do povo em diáspora que, ao chegar a terras estrangeiras, reconhece outro de si mesmo a partir do encontro com outras diferenças.

A criação do *blog* de Ifemelu inaugura uma fase importante em *Americanah* e o modo como Adichie constrói todo o percurso desse capítulo demonstra que, nesse romance, a forma sustenta o conteúdo de maneira a evidenciar a concepção de mundo de Adichie. *Americanah* também traz muito da experiência da própria Chimamanda Adichie como mulher negra da diáspora e a autora soube transformar suas vivências em matéria para seu romance. Assim como Ifemelu, Chimamanda Adichie declara, em entrevistas e palestras, que não se identificava como negra até chegar aos EUA porque, na Nigéria, isso não era necessário.

Como afirma Stuart Hall (2003), a migração e o deslocamento dos povos aparecem na história da humanidade mais como regra do que exceção. As pessoas se mudaram (e ainda se mudam) ao longo da História por diversas razões. Comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da hibridização. A escritora Chimamanda e a protagonista do seu romance são representantes desse processo. A narrativa de Adichie não só conta o processo de deslocamento de indivíduos, mas também questiona o lugar de espectadores da história no qual muitas vezes as pessoas negras em diáspora foram colocadas.

Sendo assim, argumentamos que os escritos de Ifemelu e o romance *Americanah* são textos femininos negros que “para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p.206).

A epígrafe deste tópico mostra o quanto Ifemelu, ao criar o *blog*, gostaria de conhecer sobre outras realidades, formas de entender e vivenciar as questões étnico-raciais nos EUA. Dessa maneira, a escrita de Ifemelu não diz respeito somente a uma necessidade de mostrar e falar sobre sua condição individual, mas é sim uma forma de criar canais de expressão para evidenciar experiências plurais.



Destacamos aqui a experiência diaspórica da protagonista Ifemelu, o seu processo de (re)descoberta de si e da sua condição social e política em um país estrangeiro e a afirmação de sua identidade afrodescendente e de gênero. Ifemelu é a mulher a caminho, que está construindo, através das suas palavras, rotas para encontrar sua voz, seu lugar e sua marca no mundo. A escrita faz parte desse processo como sua estratégia para abrir caminhos pelos quais Ifemelu acessará o mundo ou um país, que pode ser a Nigéria, os EUA ou um novo que ela vai conhecer/construir.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COLLINS, Patricia Hills. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (org). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

HALL, Stuart. **Dá Diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Livi Sovik; Tradução Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (orgs). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

QUEIROZ, Nana. Feminismo, esse filho bastardo. In QUEIROZ, Nana. (org). **Você já é feminista! Abra este livro e descubra o porquê.** São Paulo: Pólen, 2016. cap.2. p.21-31.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo Negro pra quê? In QUEIROZ, Nana. (org). **Você já é feminista! Abra este livro e descubra o porquê.** São Paulo: Pólen, 2016.

\_\_\_\_\_, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Data de recebimento: 28/04/2019

Data de aceite: 30/09/2019